

# Narciso em férias

Caetano Veloso

---

COMPANHIA DAS LETRAS

SLIP

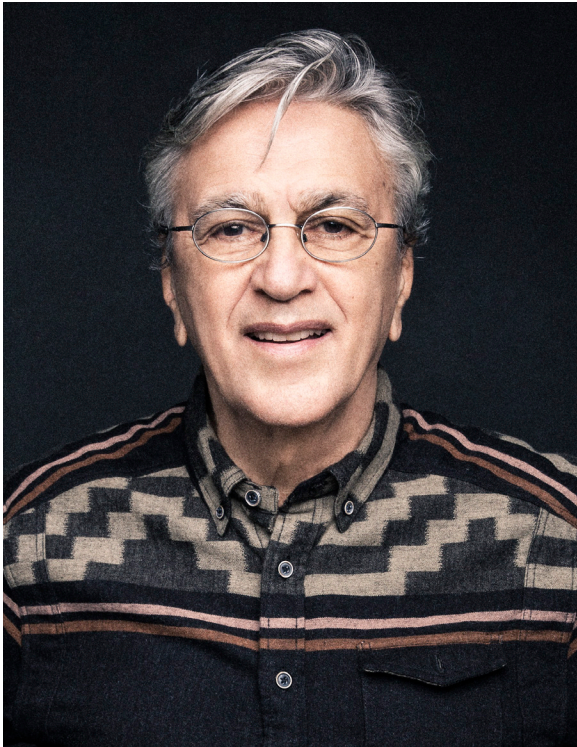
Fui acordado bem cedo de manhã, pela voz dura de um sargento que me ordenou que ficasse de pé. Alguém enfiou uma caneca de café preto pela portinhola perto do chão. Acho que eles faziam uma espécie de chamada — ou passavam os presos em revista — todas as manhãs. Estou certo de que o faziam todas as noites. Um resquício de esperança de que estivessem me chamando para o interrogatório emergiu comigo do sono sem sonhos em que descobria que estivera mergulhado a noite toda. Mas o sargento ou quem quer que fosse que me

acordou — seria um homem só? — apenas me olhou rapidamente e seguiu seu ritual de inspeção, deixando-me sozinho com aquela caneca metálica com café até a metade e um pedaço de pão um tanto duro e sem manteiga. Sempre me pareceu ilógico ter esquecido ou confundido detalhes de uma realidade tão drasticamente limitada. Passei uma semana numa cela mínima onde se repetiam todos os dias atos iguais e regulares, e, no entanto, não consigo lembrar com clareza como era a porta dessa cela ou o que exatamente faziam os carcereiros à hora da revista. Mas acredito que a própria pobreza de acontecimentos e sua regularidade, que terminam por eliminar a percepção ordinária da passagem do tempo, levem a mente de quem sofra tal experiência a precisar defender-se disso quando lhe é dado voltar ao espaço aberto e ao tempo rico em diversidade de eventos menos previsíveis. Tenho ouvido de pessoas que foram ou estão presas a observação de que, em algum momento, dentro da cela, duvida-se da realidade da vida livre que a memória diz ter existido lá fora. Recentemente li na entrevista de um criminoso brutal a afirmação: “Às

vezes eu acho que nasci aqui, que sempre vivi aqui, que o mundo lá fora, tudo o que eu vivi, só existe na minha cabeça". Essa leitura me fez estremecer porque eu próprio tinha pensado exatamente a mesma coisa e nos mesmos termos enquanto estava na solitária da rua Barão de Mesquita. O apartamento de São Paulo, meu casamento com Dedé, a Bahia, os estúdios de gravação, os palcos dos auditórios — tudo parecia remoto e desprovido de realidade. A perspectiva em que todas essas imagens se fariam reconhecíveis tinha se rompido bruscamente e minha mente se esforçava para não sucumbir de todo à impossibilidade de compatibilizar as lembranças com a situação que era vivida então. Mas da mesma maneira que, enquanto estamos presos, não cremos na vida livre que não podemos esquecer, uma vez soltos, esquecemos a coerência interna da vida na prisão de cuja realidade, no entanto, não duvidamos. Hoje sei que saí (venho saindo) da prisão como quem sai de um sonho, ao passo que, enquanto preso, eu julgava que Santo Amaro, o Solar da Fossa e a tv Record é que tinham sido um sonho do qual não era possível sair.

Os dias daquela semana na solitária da Polícia do Exército às vezes são lembrados por mim como um só dia que pareceu durar uma eternidade. Depois de muito tempo — mas o que era “muito tempo”? —, comecei a procurar por mim mesmo na pessoa que dormia e acordava no chão daquele lugar odioso cuja imutabilidade impunha-se como prova de que não havia — nunca houvera — outros lugares. Se nunca ver ninguém era um fato que contribuía decisivamente para criar essa impressão, uma outra limitação — que se perpetuou por todo o período da prisão — a intensificava: não ter acesso a espelhos. Com efeito, por dois meses não vi meu próprio rosto. Não sei depois de quantos dias teve início meu diálogo com o velho comunista; ou o estranho tráfico de livros que relatarei; ou os passeios ao sol (destes sei com certeza que foram no máximo dois); ou a esparsa comunicação com os soldados. Só sei que todos esses pequenos estímulos iam pouco a pouco me encorajando a acreditar que o mundo de fora e de antes da prisão existia de fato, e, o que é mais importante, que eu — a pessoa que pensava “eu” — era parte desse mundo. O primeiro esforço no sentido de me reco-

nhecer em mim mesmo se deu na forma de uma tentativa de chorar: se eu estava em tão má situação, se me tinham afastado bruscamente da mulher com quem me casara havia apenas um ano, se não podia ver o apartamento que mal começáramos a arrumar, se me jogaram sobre um cobertor áspero e jornais velhos, se ninguém ouvia minhas perguntas, certamente seria suficiente que me concentrasse em tais constatações para que lágrimas comessem a correr, soluços e espasmos me sacudissem. Mas não. Essa intimidade do espírito com o corpo que o pranto propicia era-me negada. Vista em retrospecto, é absolutamente inacreditável quão completa era então minha incapacidade para o sentimentalismo.



FERNANDO YOUNG

Figura central da cultura brasileira, CAETANO VELOSO nasceu em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, em 1942. Cantor e compositor, autor de *Verdade tropical* e *O mundo não é chato*, também dirigiu o filme *O cinema falado* (1986).

